

Conjuntura Resultado foi sustentado pela indústria, que teve alta de 5,93% PIB cresce 3,77%, mas alta fica abaixo do esperado

Cristina Calmon
Do Rio

Sem influência ainda da crise de energia e do aumento das taxas de juros e do câmbio, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre deste ano ficou abaixo do esperado, com expansão de 3,77% em comparação com igual período do ano passado. O crescimento foi sustentado pela indústria com uma taxa de expansão de 5,93%, a maior desde o segundo trimestre de 1997.

De acordo com o gerente do PIB trimestral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Roberto Olinto, o resultado do primeiro trimestre — o pior desde o ano passado, com recuo de 0,10% em relação ao último trimestre de 2000, não significa ainda uma desaceleração da economia, mas sim uma estabilização. A taxa acumulada em 12 meses (quatro trimestres) de 4,38% mostra a manutenção do nível de crescimento. Mas admite que o

primeiro trimestre deve encerrar uma fase de forte crescimento da economia brasileira.

Roberto Olinto diz que o cenário macroeconômico que viabilizou o crescimento econômico desde 1999 não vai se manter. “O cenário mudou radicalmente. Inicialmente por influência da alta dos juros e do câmbio e em breve pelo choque na oferta de energia elétrica, com impacto principalmente no PIB do terceiro trimestre do ano”, informa, alertando, contudo, que é impossível quantificar o que vai acontecer no futuro.

“Não estou desqualificando os cenários feitos por outros institutos, mas lembrando apenas que é praticamente impossível hoje quantificar o impacto da crise de energia elétrica sobre o PIB este ano”.

Segundo Olinto, a crise de energia elétrica é, sem dúvida, a maior restrição à expansão da economia este ano, mas lembra que a crise na Argentina e a alta dos juros e do dólar também são fatores restritivos ao

crescimento. Por outro lado, diz, existe um estoque de crescimento acumulado nos primeiros meses do ano e está mantida a previsão de 4% de alta na safra agrícola.

Sem querer fazer previsões, Roberto Olinto admite apenas que a crise energética irá inviabilizar o crescimento do PIB entre 4% e 4,5%. “Se vai acontecer uma tragédia, não sei. Nós já temos um estoque de crescimento e racionamento não significa desligar a indústria, mas sim redimensionar o patamar de produção”.

Foi a produção industrial que sustentou o crescimento do PIB no primeiro trimestre, com alta de 5,93%, a maior já registrada desde o segundo trimestre de 1997, quando atingiu 6,52%. O crescimento do setor industrial foi muito impulsionado, segundo Olinto, pelos segmentos de bens de capital, automobilístico e eletroeletrônico. Para o coordenador da unidade de política econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castello Branco, o qua-

dro de crescimento já está mudando com a política monetária mais restritiva, com crédito mais escasso e caro, levando a uma retração geral da economia. “Mas o impacto pior virá com a crise de energia a partir do segundo semestre”.

Na opinião do economista, é possível, contudo, que a indústria em maio ainda registre uma forte expansão, diante da necessidade de acumular estoques para enfrentar o racionamento de energia e atender às encomendas.

A economista do UBS Warburg, Simone Passini, também avalia que o PIB no segundo trimestre pode ter seu resultado influenciado pelo comportamento da indústria em abril e maio, com o aumento da produção como forma de antecipação ao racionamento.

O economista-chefe do BBV, Octavio de Barros, calculou que o racionamento poderá ter um impacto de até 1,75 ponto percentual no crescimento do PIB este ano, caso o corte de energia atinja 20%.